UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

DIÁRIO DE BORDO E ETNOGRAFIA DIGITAL:

Instrumento de coleta para a História Digital

Campanha, Minas Gerais

2026

Ana Clara Leopoldo dos Santos
Vinicius Reis Batista

Fernando Antônio Nani Carvalho Júnior
Ygor Klain Belchior

DIÁRIO DE BORDO E ETNOGRAFIA DIGITAL:
Instrumento de coleta para a História Digital

Relatório apresentado à 10ª FEMIC - Feira Mineira de Iniciação Científica.
Orientação do Prof. Dr. Ygor Klain Belchior e coorientação do Prof. Fernando Antônio Nani Carvalho Júnior.

Campanha, Minas Gerais
2026

RESUMO

As mídias sociais ampliaram a circulação de referências ao passado, mas a familiaridade com esses ambientes pode ocultar um problema metodológico: localizar, salvar e compartilhar postagens não basta para transformá-las em fontes de pesquisa histórica. Este trabalho teve como objetivo apresentar o processo de concepção, desenvolvimento e aplicação experimental do Diário de Bordo e Etnografia Digital: Instrumento de Coleta para a História Digital, elaborado para orientar a passagem da navegação cotidiana à observação sistemática. O percurso metodológico articulou formação introdutória, observação etnográfica digital, coleta e arquivamento de postagens públicas, registro de contexto, proteção da identidade dos sujeitos e classificação analítica. O instrumento reúne fundamentação sobre sociabilidade digital, um percurso de observação em 14 dias, ficha de identificação e arquivo, 12 categorias iniciais de repertórios históricos e exercícios de análise que distinguem referência histórica, repertório, narrativa, necessidade do presente e Allelopoiesis Digital. Sua aplicação em atividades formativas permitiu demonstrar o funcionamento das etapas e observar, por meio de memes e outras imagens em circulação, como referências ao passado assumem sentidos distintos conforme debates, valores e demandas comunicacionais do presente. Entre os resultados alcançados está a consolidação de uma versão experimental do Diário que integra procedimentos de observação, coleta, preservação e interpretação, tornando explícitos os critérios utilizados pelo pesquisador. Conclui-se que o instrumento oferece uma contribuição metodológica para a História Digital ao favorecer práticas mais sistemáticas, éticas e reflexivas de investigação das mídias sociais, com potencial de uso em pesquisa, formação acadêmica e ensino de História.

Palavras-chave: História Digital, Etnografia Digital, Repertórios Históricos, Mídias Sociais, *Allelopoiesis* Digital.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	10
3 OBJETIVO GERAL	12
4 METODOLOGIA	13
5 RESULTADOS OBTIDOS	19
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE 1	39

1 INTRODUÇÃO

"Adoro como todo mundo ainda chama o Twitter de Twitter."
— Publicação em perfil anonimizado no Twitter/X.

A observação registrada na epígrafe apresenta uma situação aparentemente banal: mesmo após mudanças de nome, identidade visual e funcionamento da plataforma, parte de seus usuários continua a denominá-la Twitter. Para a pesquisa histórica, esse tipo de comentário revela que plataformas, interfaces e formas de interação se modificam, enquanto práticas, convenções, memórias e vocabulários construídos por seus usuários podem permanecer ou adquirir novos significados.

Publicações como essa podem constituir fontes para a investigação histórica dos ambientes digitais. A existência dessas fontes, entretanto, não torna sua investigação simples. O acesso cotidiano às plataformas produz uma familiaridade que pode obscurecer a diferença entre utilizar uma mídia social e pesquisá-la. Localizar uma postagem, acompanhar um perfil, salvar uma imagem ou reconhecer um meme são práticas comuns a milhões de usuários. Para que essas operações integrem uma investigação científica, precisam ser convertidas em procedimentos sistemáticos de observação, seleção, registro e análise.

A questão a ser respondida, portanto, não está apenas em encontrar conteúdos disponíveis nas redes, mas em estabelecer condições para que eles possam ser transformados em fontes de pesquisa.

A Antropologia das Mídias Sociais oferece contribuições importantes para esse deslocamento. Miller et al. (2019) propõem compreender as mídias sociais a partir dos conteúdos, das relações e das práticas desenvolvidas pelos usuários, e não apenas de suas características técnicas. Conceitos como sociabilidade escalonável e polimídia permitem considerar que diferentes plataformas ocupam posições distintas nas relações sociais e que os sentidos de uma comunicação dependem de elementos como público, grau de exposição, contexto e circulação entre meios.

Esse problema metodológico também foi identificado ao longo da trajetória de pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em História Antiga, Medieval e da Arte – LEPHAMA. Os primeiros trabalhos concentraram-se na coleta e na organização de fontes digitais (Silva; Ribeiro; Carvalho Junior, 2026).

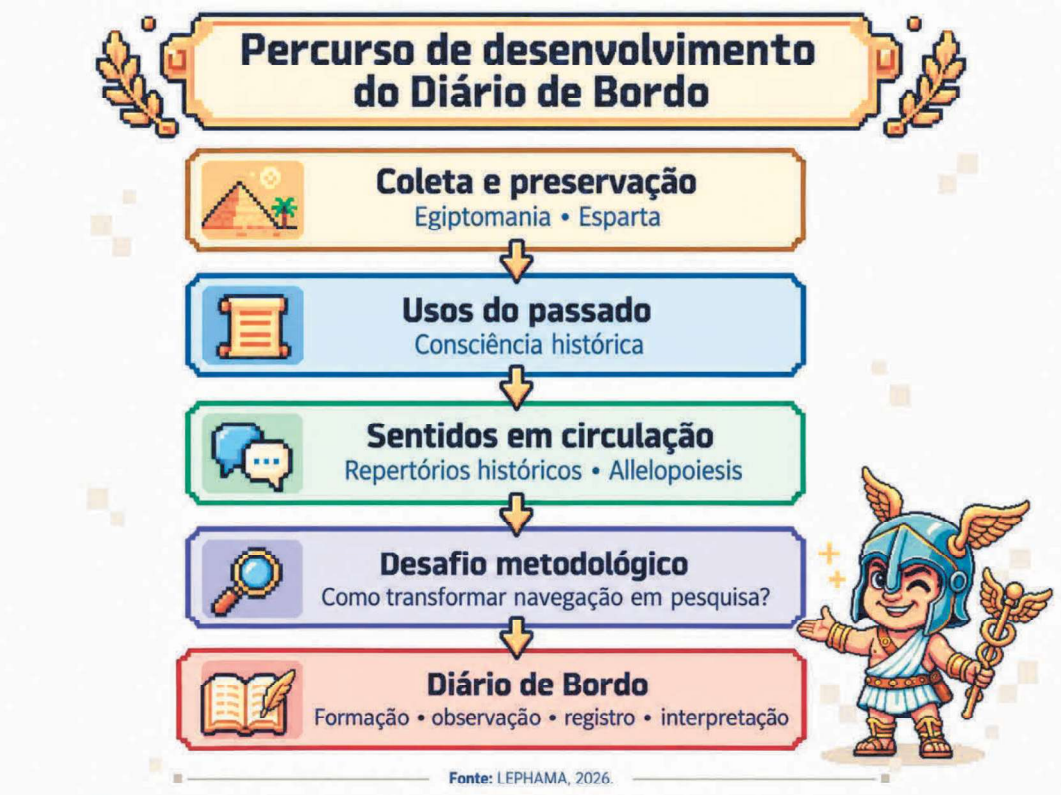
A pesquisa sobre a Egiptomania no Twitter, por exemplo, desenvolveu procedimentos de busca, catalogação, captura de tela e armazenamento de publicações, evidenciando a necessidade de preservar documentos digitais sujeitos a alterações, exclusões e mudanças nas condições de acesso. A experiência também demonstrou que organizar um conjunto documental era apenas uma das etapas necessárias para compreender os usos contemporâneos do passado.

A continuidade das pesquisas levou, então, a novas perguntas. Se inicialmente interessava identificar o que sobre a Antiguidade circulava nas mídias sociais, tornou-se necessário compreender por que essas referências eram mobilizadas, quais sentidos passavam a acompanhá-las e como se transformavam durante a circulação. Esse percurso deslocou a investigação para os problemas da consciência histórica, dos repertórios históricos e das relações entre passado e presente.

À medida que essas perguntas se tornaram mais complexas, surgiu também uma necessidade prática: preparar novos pesquisadores para observar as mídias sociais de maneira sistemática. Não bastava indicar o que deveria ser procurado nas redes. Era necessário construir procedimentos comuns de observação, registro e organização das fontes, além de oferecer uma formação inicial que ajudasse a distinguir a navegação cotidiana da investigação científica. Ao mesmo tempo, esses procedimentos precisavam preservar espaço para o inesperado, para as particularidades de cada fonte e para a reflexão do próprio pesquisador durante o processo.

Foi a partir dessa necessidade que desenvolvemos o Diário de Bordo. Concebido como material formativo, procura acompanhar o pesquisador desde a preparação do olhar até o registro e a interpretação das fontes, reunindo orientações teóricas, exercícios de observação, procedimentos de documentação e questões destinadas a estimular a reflexão sobre aquilo que é encontrado nas redes (Figura 1).

Figura 1 – Percurso de desenvolvimento do Diário de Bordo a partir das pesquisas do LEPHAMA



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

A trajetória sintetizada na Figura 1 demonstra que o Diário de Bordo não surgiu como produto isolado. Sua elaboração resulta do acúmulo de problemas identificados em sucessivos ciclos de pesquisa. A organização de bancos de dados evidenciou a necessidade de preservar e contextualizar documentos digitais. A investigação sobre consciência histórica deslocou a análise da presença do passado para os sentidos produzidos por sua utilização. O estudo dos repertórios, por sua vez, permitiu observar padrões de associação entre referências históricas e necessidades expressivas contemporâneas (Belchior, 2026).

Nesse percurso, a teoria da consciência histórica contribuiu para compreender a articulação entre experiência do passado, interpretação do presente e orientação temporal. Para Rüsen (2001), a consciência histórica não se restringe ao conhecimento factual sobre acontecimentos anteriores, mas diz respeito à forma pela qual os sujeitos produzem sentidos sobre o tempo e orientam suas ações. Aplicada às mídias sociais, essa perspectiva possibilita investigar como personagens, acontecimentos e narrativas históricas são convertidos em exemplos, argumentos, críticas, modelos de comportamento ou recursos de construção identitária.

A noção de repertório histórico aprofundou esse movimento analítico. Os repertórios são compreendidos como conjuntos dinâmicos de imagens, valores, associações, narrativas e sentidos vinculados a determinadas referências ao passado. Não constituem significados fixos. Transformam-se conforme os grupos que os mobilizam, os contextos em que aparecem e as necessidades comunicacionais às quais respondem (Costa; Carvalho; Belchior, 2026).

Essa perspectiva relaciona-se ao conceito de *allelopoiesis*, empregado para compreender processos de criação recíproca entre passado e presente (Faversani, 2020; Faversani; Joly, 2021). Uma referência histórica mobilizada em uma mídia social não permanece necessariamente inalterada. Ela pode ser simplificada, combinada a outros elementos, deslocada para novos contextos e associada a valores contemporâneos. Ao mesmo tempo, esses usos contribuem para modificar os sentidos socialmente atribuídos à própria referência histórica. A formulação da *Allelopoiesis* Digital procura compreender esse processo contínuo de reorganização dos repertórios durante sua circulação nas mídias sociais (Belchior, 2026).

Para tornar esse processo mais claro, podem-se tomar como exemplo as referências a espartanos e vikings. Em determinadas comunidades digitais, essas figuras são frequentemente associadas a valores como força, disciplina, virilidade, heroísmo e resistência. Essas associações não pertencem de maneira automática ou imutável ao passado histórico. Elas são selecionadas, combinadas e reforçadas por memes, vídeos, biografias de perfis, comentários e discursos produzidos no presente. A circulação dessas narrativas contribui, por sua vez, para consolidar ou modificar os sentidos atribuídos às próprias referências históricas (Figura 2).

Figura 2 – Esquema do processo de Allelopoiesis Digital a partir da circulação de referências e repertórios históricos nas mídias sociais



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

A Figura 2 sintetiza esse movimento. Uma referência histórica, como Esparta ou os vikings, é mobilizada em associação a determinados repertórios históricos, formados por sentidos relativamente recorrentes, como força, disciplina, decadência, religião ou identidade. Esses repertórios são atualizados em narrativas concretas, como memes, vídeos, postagens, biografias e discursos. Quando essas narrativas circulam, são compartilhadas, comentadas, remixadas, ironizadas ou contestadas por outros usuários. Nesse processo, os sentidos associados às referências podem ser reforçados, deslocados ou combinados a novos significados. É esse movimento contínuo de reorganização que a proposta denomina *Allelopoiesis* Digital.

O problema que orienta esta pesquisa pode, portanto, ser formulado da seguinte maneira: como transformar a experiência cotidiana de navegação nas mídias sociais em uma prática sistemática de coleta e produção de fontes para a investigação histórica? Este relatório apresenta o processo de desenvolvimento do Diário de Bordo, sua estrutura metodológica e sua aplicação experimental, discutindo suas possibilidades como instrumento para pesquisas em História Digital.

2 JUSTIFICATIVA

"Por que você me bloquearia no Instagram? No Twitter eu até entendo, mas no Instagram?"
— Publicação em perfil anonimizado no Twitter/X.

As diferentes mídias sociais não são percebidas apenas como ferramentas equivalentes. Bloquear alguém no Twitter/X ou no Instagram pode assumir significados distintos porque cada plataforma está associada a formas específicas de interação, exposição e relacionamento. Para a pesquisa histórica, reconhecer essas diferenças é necessário para evitar que publicações digitais sejam tratadas como documentos isolados de seus contextos de produção e circulação.

A relevância acadêmica deste projeto reside, portanto, na necessidade de desenvolver procedimentos que auxiliem pesquisadores a trabalhar de maneira mais sistemática com fontes produzidas em ambientes digitais. A facilidade de localizar postagens não elimina dificuldades relacionadas à seleção documental, ao registro das condições de coleta, à preservação dos materiais e à passagem entre descrição e interpretação. O Diário de Bordo procura atuar justamente nesse intervalo entre a formação do pesquisador, a organização documental e a reflexão analítica.

Essa contribuição possui também uma dimensão formativa. O instrumento propõe que o estudante não se limite a preencher fichas ou acumular capturas de tela, mas desenvolva uma observação orientada por perguntas, conceitos e procedimentos explícitos. Seu percurso combina preparação teórica, exercícios de observação, documentação das fontes e construção progressiva de questões analíticas. Dessa forma, o material busca contribuir para que pesquisadores em formação reconheçam diferenças entre observar, registrar, classificar e interpretar conteúdos encontrados nas redes.

A dimensão documental também justifica o desenvolvimento da proposta. Conteúdos digitais podem ser alterados, removidos ou tornar-se inacessíveis, o que torna necessário registrar informações capazes de preservar as condições em que foram observados. Ao introduzir práticas de captura, identificação, descrição e organização dos documentos desde as etapas iniciais da pesquisa, o Diário procura estimular uma cultura de preservação e rastreabilidade das fontes digitais.

A proposta apresenta ainda relevância pedagógica e social. Memes, vídeos, postagens e outras formas de circulação do passado integram práticas comunicacionais presentes no cotidiano de estudantes e professores. Essa relação já vem sendo explorada pelo LEPHAMA em ações de divulgação científica, como o Varal de Memes, no qual referências à Pré-História, Mesopotâmia, Egito, Grécia e Roma são apresentadas por meio de conteúdos digitais utilizados para provocar discussão sobre representações do passado. Experiências desse tipo demonstram que materiais originalmente produzidos para circulação nas redes podem ser deslocados para situações de ensino, extensão e popularização histórica (Figura 3).

Figura 3 – Capa do Varal de Memes, material de divulgação e educação histórica produzido pelo LEPHAMA.



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

Por fim, o caráter experimental constitui parte da própria justificativa do projeto. O instrumento não é apresentado como protocolo definitivo. Sua aplicação possibilita avaliar a clareza das orientações, a pertinência das categorias propostas, a qualidade dos registros produzidos e as dificuldades encontradas pelos participantes. O processo de uso, avaliação e reformulação torna possível identificar limites e aperfeiçoar o material antes de sua utilização em outras experiências de pesquisa.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Apresentar o processo de concepção, desenvolvimento e aplicação do Diário de Bordo do LEPHAMA, destacando seus fundamentos, sua estrutura metodológica e seu estágio atual de uso e aperfeiçoamento.

3.2 Objetivos específicos

- Reconstruir o percurso de pesquisa que levou à concepção do Diário de Bordo.
- Apresentar os fundamentos teóricos e metodológicos que orientam o instrumento.
- Descrever a estrutura, os exercícios, os procedimentos de coleta e os recursos formativos que compõem o material.
- Relatar as experiências de divulgação e aplicação do Diário de Bordo em atividades de formação e pesquisa.
- Demonstrar a aplicação das categorias de repertório histórico na análise de imagens e postagens digitais, articulando referência histórica, repertório, narrativa, necessidade do presente e *Allelopoiesis Digital*.

4 METODOLOGIA

"Não tô conseguindo conciliar os estudos com o Twitter, então infelizmente vou ser obrigado a parar de estudar."
— Publicação em perfil anonimizado no Twitter/X.

"como pode ser tão difícil fazer uma etnografia mds"
— Publicação em perfil anonimizado no Twitter/X.

A metodologia adotada neste trabalho possui caráter misto, compreendendo procedimentos quantitativos e qualitativos, e caráter experimental quanto à aplicação do instrumento desenvolvido. O processo de construção do Diário de Bordo ocorreu entre 2024 e 2026 e resultou da conexão entre pesquisas com bancos de dados digitais, formação teórica da equipe, exercícios de observação etnográfica, sistematização de procedimentos de coleta e preservação, elaboração do instrumento, circulação acadêmica e aplicação experimental.[1]

O percurso foi organizado em sete etapas: (1) formação teórica e grupos de estudos; (2) levantamento, catalogação e análise das evidências digitais; (3) elaboração e teste de exercícios de observação; (4) sistematização dos procedimentos de coleta, preservação e tratamento ético; (5) concepção e estruturação do Diário de Bordo; (6) circulação e experimentação do material em atividades acadêmicas; e (7) aplicação experimental, avaliação e preparação para publicação.

[1] **Nota metodológica sobre o uso de inteligência artificial:** O desenvolvimento deste trabalho contou com apoio de ferramenta de inteligência artificial generativa em tarefas específicas e delimitadas. Para a produção gráfica, foi utilizado o ChatGPT/ImageGen (OpenAI) na geração integral de determinadas ilustrações, sempre a partir de orientações, referências visuais, personagens e critérios definidos previamente pela equipe. As imagens resultantes foram selecionadas, revisadas e, quando necessário, reformuladas pelos autores antes de sua incorporação aos materiais do projeto. Na dimensão textual, foi utilizada a ferramenta como apoio à revisão terminológica, concisão, padronização do vocabulário técnico e adequação da redação acadêmica. O refinamento foi conduzido pelos autores mediante comandos específicos, como: "Revise este trecho para garantir precisão terminológica, clareza conceitual e padronização do vocabulário, preservando integralmente os dados, referências e argumentos apresentados" e "Aplique uma revisão de concisão ao texto, priorizando frases curtas e declarativas, sem alterar conceitos, interpretações ou resultados da pesquisa". As ferramentas de inteligência artificial não foram empregadas para selecionar os memes, produzir dados de pesquisa, realizar a análise historiográfica, interpretar as evidências ou formular autonomamente os resultados e conclusões do trabalho. Nenhum dado pessoal ou sensível, documento sob sigilo ou material cuja divulgação estivesse restrita foi inserido nas plataformas. Todas as escolhas metodológicas, interpretações, decisões analíticas e validações das saídas permaneceram sob responsabilidade dos pesquisadores, que respondem integralmente pela autoria, integridade e conteúdo final do trabalho, em conformidade com a Portaria CNPq nº 2.664/2026.



4.1 Formação teórica e grupos de estudos

A primeira etapa teve início em 2024, com a realização de um grupo de estudos voltado às relações entre História, mídias sociais e pesquisa digital. As discussões partiram de problemas encontrados nas investigações já desenvolvidas pelo laboratório e buscaram aproximar os pesquisadores de referenciais da Antropologia das Mídias Sociais, da História Digital e da investigação dos usos contemporâneos do passado.

Em 2025, essa formação foi organizada em um novo ciclo de estudos. O programa incluiu discussões sobre legislação e ética, Antropologia Digital e História Digital. Foram trabalhados temas como Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, sociabilidade escalonável, polimídia, relações entre experiências on-line e off-line, etnografia digital e metodologias para o estudo de fontes produzidas em ambientes virtuais. O calendário ainda registrou encontros específicos para a leitura de autores como Miller (2019), Spyer (2018) e Faversani (2020).

4.2 Levantamento, catalogação e análise das evidências digitais

A dimensão quantitativa decorreu das pesquisas desenvolvidas pelo LEPHAMA para localização e constituição de bancos de dados de postagens em mídias sociais. Um dos principais antecedentes foi a Egiptomania no Twitter, na qual a busca avançada da plataforma foi utilizada para localizar publicações por palavras-chave, intervalos cronológicos e outros filtros. As evidências foram registradas em fichas com código próprio, palavra pesquisada, endereço eletrônico, data de publicação, data de coleta, classificação temática, texto e identificação do responsável pela coleta.

Em 2025, projetos associados já registravam milhares de evidências digitais, tornando necessário combinar a organização quantitativa do corpus com procedimentos qualitativos capazes de interpretar seus sentidos. O volume documental evidenciou um limite importante: localizar, contar e classificar ocorrências permitia identificar recorrências, mas não explicava, por si só, por que determinadas referências históricas eram mobilizadas, que sentidos adquiriam ou como se relacionavam com práticas sociais contemporâneas. Essa constatação contribuiu para a incorporação da observação etnográfica à pesquisa.

4.3 Elaboração e teste de exercícios de observação

A terceira etapa consistiu na transformação das discussões teóricas em exercícios de observação. Os pesquisadores passaram a registrar não apenas aquilo que encontravam, mas também as circunstâncias da descoberta, as características das plataformas, as relações entre perfis e conteúdos, os elementos visuais e linguísticos e as próprias dúvidas surgidas durante a navegação.

Foram elaboradas atividades voltadas à observação de perfis e hashtags, às relações entre comportamentos on-line e off-line, à análise de imagens e linguagens e à identificação de tons como humor, ironia e nostalgia. Também passaram a ser registradas impressões, surpresas e desvios encontrados ao longo da pesquisa.

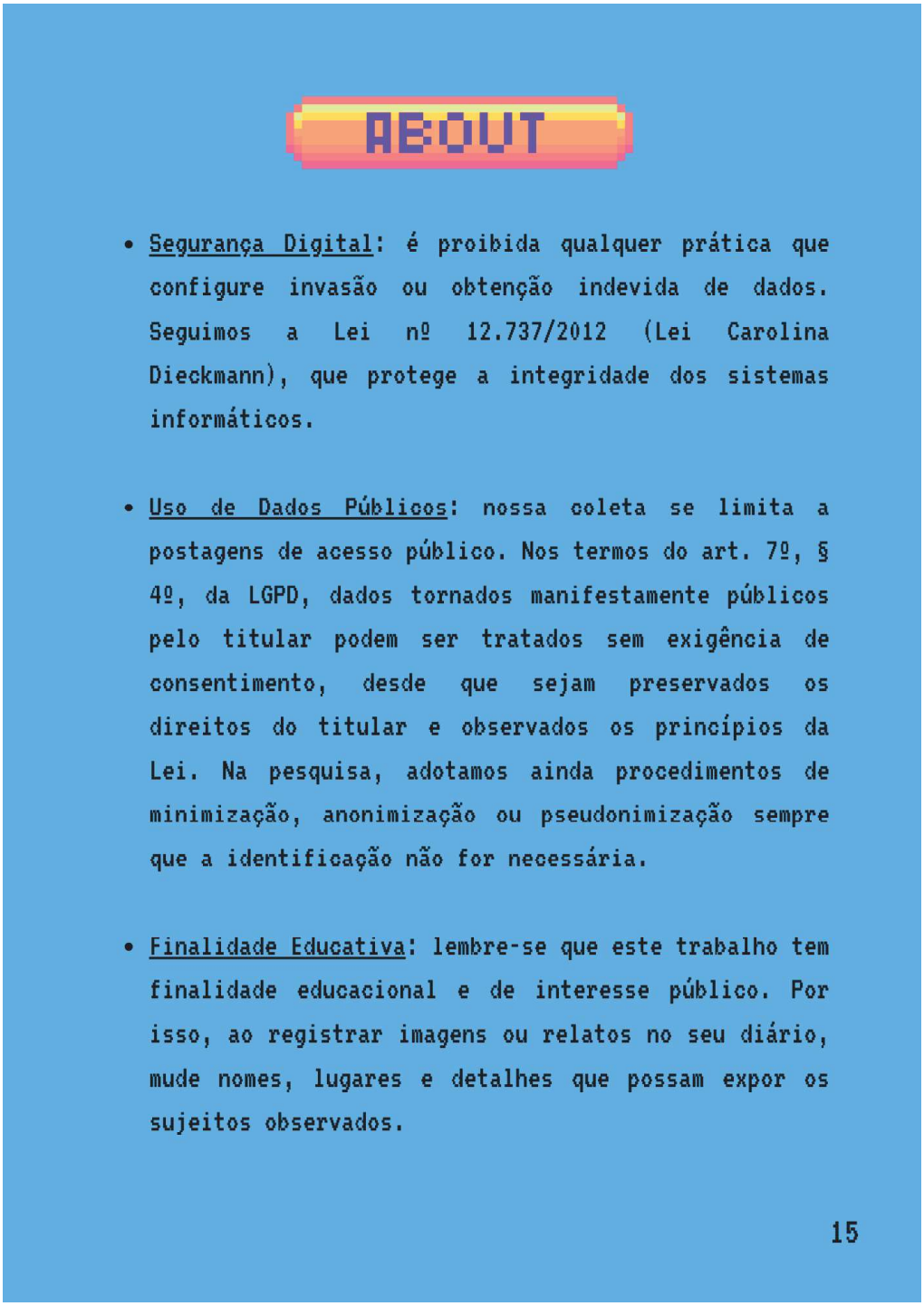
Os exercícios foram organizados até resultar em um percurso de observação de 14 dias. Nele, o pesquisador é convidado a refletir sobre questões metodológicas e éticas, sobre as contribuições da abordagem antropológica e sobre os limites envolvidos na atribuição de intenções aos autores das postagens.

4.4 Coleta, preservação e tratamento ético

Paralelamente à observação etnográfica, foram estabelecidos procedimentos destinados a garantir a preservação, a rastreabilidade e o tratamento ético das fontes. Os procedimentos incluem atribuição de códigos únicos aos registros, preenchimento de fichas de coleta, preservação de metadados, capturas de tela, organização sequencial dos documentos e, quando pertinente, arquivamento das páginas em serviços de preservação da web. Os planos de trabalho atuais também preveem gestão do banco de dados, revisão da integridade dos registros e armazenamento das evidências visuais relacionadas aos repertórios analisados.

O tratamento das fontes incorpora cuidados com a privacidade e à proteção de dados, seguindo as orientações da Lei Geral de Proteção de Dados. A observação restringe-se a conteúdos acessíveis à pesquisa e adota princípios de minimização das informações pessoais, pseudonimização e proteção da identidade dos usuários quando sua identificação não é necessária à análise (Figura 4).

Figura 4 – Orientações éticas e de segurança digital incorporadas ao Diário de Bordo para coleta e tratamento de fontes provenientes de mídias sociais



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

4.5 Concepção e estruturação do Diário de Bordo

A sistematização dessas experiências resultou no desenvolvimento do **Diário de Bordo**. O material foi organizado como um instrumento simultaneamente metodológico e formativo. Sua estrutura combina preparação conceitual, atividades de estranhamento do familiar, exercícios progressivos de observação, documentação das fontes e registro das reflexões produzidas pelo pesquisador. A ficha de campo registra, entre outros elementos, data e horário da observação, plataforma, objetivo, termos de busca, perfis ou hashtags acompanhados e tipos de conteúdo encontrados.

A análise das imagens e postagens também passou a considerar diferentes níveis. Primeiro, identifica-se a referência histórica mobilizada. Em seguida, observam-se os sentidos que a acompanham e sua relação com um repertório histórico. A análise prossegue para a narrativa concreta produzida no presente, considerando operações como simplificação, deslocamento, combinação e contestação. Por fim, investiga-se como a circulação digital pode reorganizar esses sentidos, processo compreendido a partir da *Allelopoiesis Digital*.

4.6 Circulação e experimentação em atividades acadêmicas

Após sua estruturação, o instrumento começou a circular em atividades acadêmicas realizadas fora do LEPHAMA. Em março de 2026, na Universidade Regional de Blumenau, foi ministrado o workshop “Por que postamos sobre História? O uso do Diário de Bordo na Etnografia Digital”. No mesmo período, os problemas de pesquisa relacionados aos usos do passado e às mídias sociais foram discutidos na Universidade Federal de Santa Catarina durante a palestra “Por que postamos sobre História?”. A trajetória metodológica e o Diário também foram abordados em atividades realizadas na PUC Goiás, durante a programação sobre Arqueologia, História e Humanidades Digitais, e na UNESPAR, no minicurso “Antropologia Digital e Consciência Histórica nas Redes”. Nessas situações, exemplos de memes, postagens e imagens foram utilizados para demonstrar a passagem entre referência histórica, repertório, narrativa e transformação dos sentidos durante a circulação digital.

4.7 Aplicação experimental, avaliação e publicação

A etapa atual corresponde à aplicação experimental do Diário em um curso remoto conduzido por bolsistas PAPq/UEMG. O cronograma foi organizado em encontros quinzenais e conecta preparação teórica e atividade prática. Inicialmente são discutidos legislação, sensibilidade dos dados, *allelopoiesis* e Antropologia das Mídias Sociais. Na etapa prática, os participantes recebem orientação para coleta de postagens, organização de arquivos e anonimização dos registros.

A coleta orientada utiliza como campo experimental a Egiptomania e o Egito Antigo, com termos de busca como faraó, múmia, Egito, Anúbis, Cleópatra, Bastet, Osíris e Hórus. Posteriormente, o Diário é aplicado às evidências selecionadas pelos próprios participantes. O último momento previsto consiste no debate sobre a experiência e no preenchimento de uma ficha de avaliação destinada a registrar dificuldades, aprendizagens, clareza das orientações e sugestões para o aperfeiçoamento do material. Como essa etapa ainda está em andamento, seus resultados serão apresentados apenas após a conclusão da aplicação.

Após a análise das experiências, o material será preparado para publicação e disponibilização gratuita em formato digital com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.[2] A disponibilização gratuita pretende transformar o instrumento desenvolvido pelo laboratório em um recurso acessível a estudantes, professores e pesquisadores, permitindo que os procedimentos construídos ao longo desse percurso possam ser utilizados, discutidos e adaptados em outras experiências de investigação em História Digital.

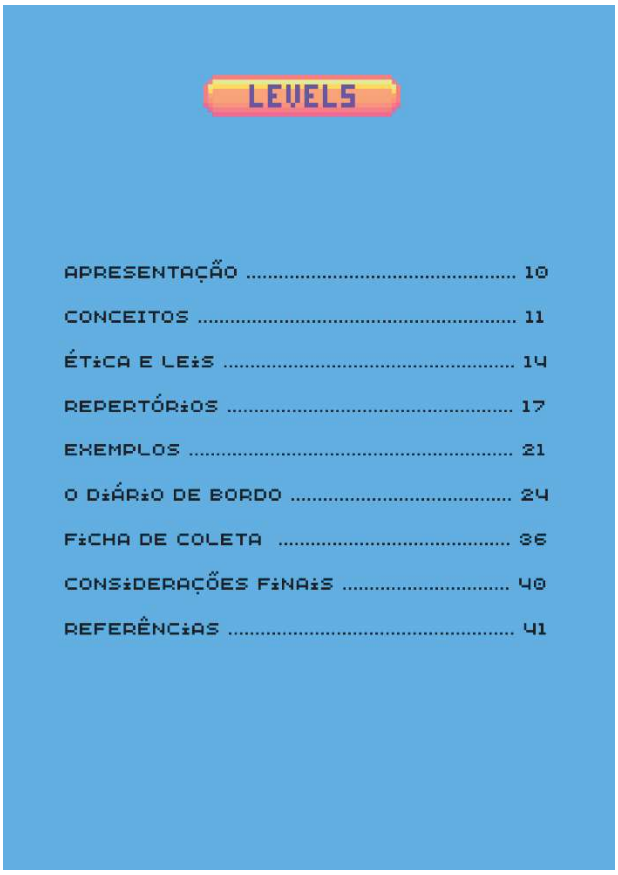
[2] O projeto APQ-02016-25 prevê a produção de um manual de boas práticas para a pesquisa em História Digital, enquanto o FCT-00013-25 inclui entre seus produtos ações de capacitação. O APQ-08616-25, por sua vez, prevê a produção de protocolo metodológico em Humanidades Digitais.

5 RESULTADOS OBTIDOS

"Perguntando a sério a todos, no Twitter, quando vocês assistem a vídeos, quais palavras-chave geralmente procuram?"
— Publicação em perfil anonimizado no Twitter/X.

O principal resultado da pesquisa foi a consolidação da versão experimental do Diário de Bordo. O material reúne procedimentos que antes apareciam de maneira dispersa nas diferentes etapas dos projetos do laboratório e os organiza em um percurso de observação das mídias sociais, coleta de fontes digitais, registro documental e interpretação histórica (Figura 5).

Figura 5 – Sumário do Diário de Bordo e organização das etapas formativas e metodológicas do instrumento



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

O Diário de Bordo encontra-se atualmente em fase experimental de aplicação e aperfeiçoamento. Por esse motivo, e considerando os limites de tamanho estabelecidos para o relatório da FEMIC, o material não será reproduzido integralmente neste documento. Nesta seção, são apresentados seus principais componentes, a lógica que orienta sua utilização e exemplos selecionados de aplicação, suficientes para demonstrar a estrutura metodológica desenvolvida e seu funcionamento. Após a conclusão da etapa de testes e a incorporação dos ajustes decorrentes das avaliações, o Diário será preparado para publicação e disponibilização gratuita em formato digital.

5.1 Da navegação cotidiana ao olhar de pesquisa

O primeiro resultado foi a organização de um percurso destinado a produzir uma mudança de postura diante das mídias sociais. O ponto de partida do projeto é a distinção entre utilizar uma plataforma e observá-la como pesquisador. Para preparar essa passagem, foi desenvolvido um treinamento específico para o uso do Diário de Bordo, organizado em etapas progressivas, missões e *checkpoints*, com referências visuais de jogos digitais (Figura 6).

Figura 6 – Checkpoint do percurso formativo destinado ao estranhamento do familiar



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

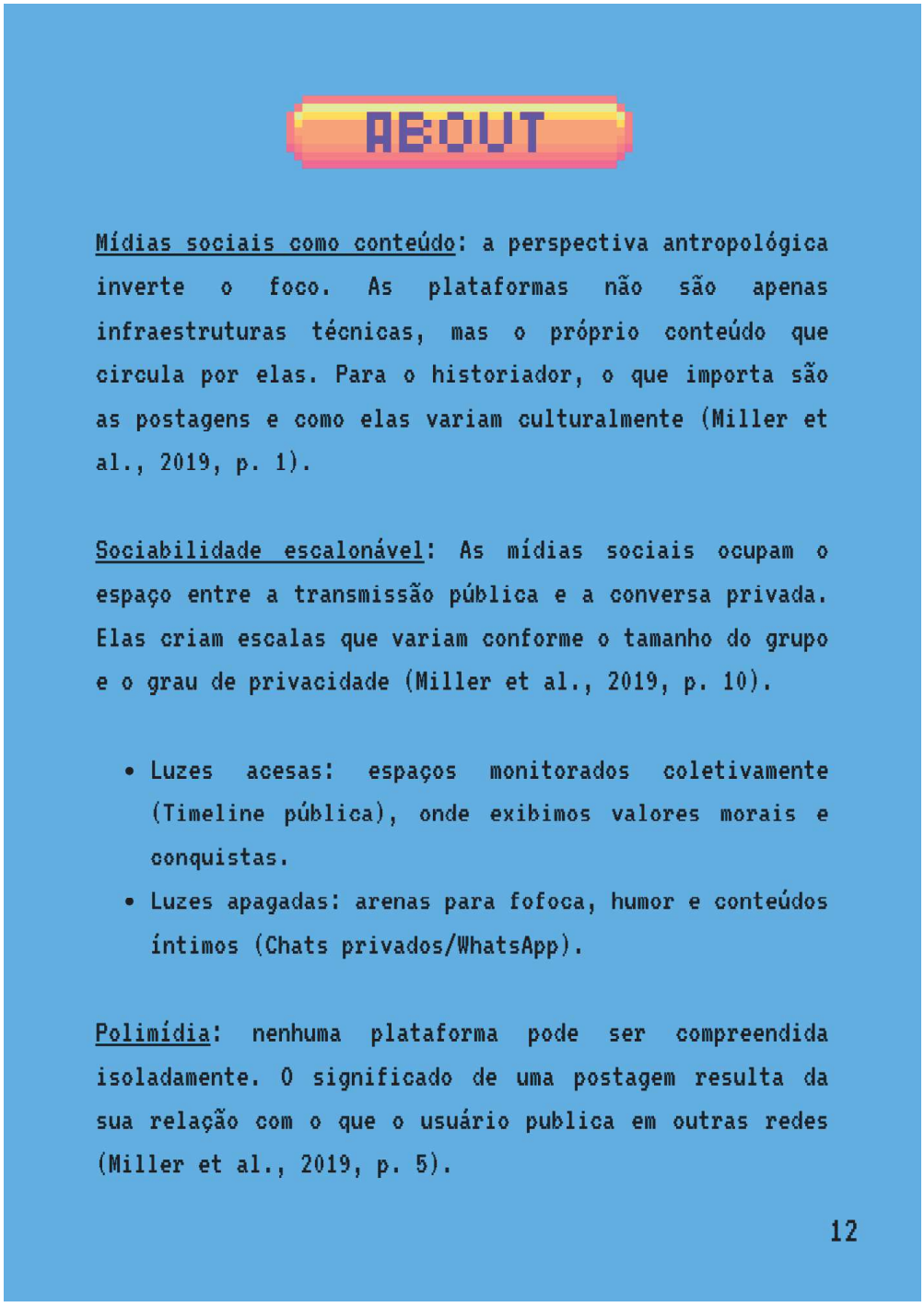
A primeira mudança proposta é o estranhamento do familiar. Memes, perfis, comentários, imagens e convenções das redes podem parecer imediatamente compreensíveis para quem as utiliza diariamente. O Diário transforma essa familiaridade em objeto de investigação. A pergunta deixa de ser apenas "o que esta postagem diz?" e passa a incluir quem fala, para quem, em qual plataforma, em que contexto e por que determinado conteúdo parece funcionar naquele ambiente.

5.2 As mídias sociais como campo de observação

O segundo resultado foi a transformação de conceitos da Antropologia das Mídias Sociais em perguntas operacionais para a pesquisa histórica. O Diário incorpora a ideia de sociabilidade escalonável, chamando atenção para os diferentes graus de exposição, tamanho dos grupos e expectativas de privacidade existentes nas mídias sociais. A mesma publicação pode adquirir sentidos diferentes quando circula em uma conversa privada, em um perfil aberto ou diante de milhares de usuários.

Outro princípio incorporado é o da polimídia. Em vez de considerar uma plataforma isoladamente, o material orienta o pesquisador a observar relações entre diferentes meios. Conteúdos podem nascer em uma plataforma, ser recortados em outra, circular pelo WhatsApp, retornar como meme e adquirir novos significados ao longo desse processo (Figura 7).

Figura 7 – Página do Diário de Bordo dedicada aos conceitos de mídias sociais como conteúdo, sociabilidade escalonável e polimídia



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

A incorporação desses conceitos procura transformar a fundamentação teórica em critérios de observação. A noção de mídias sociais como conteúdo orienta o pesquisador a concentrar a análise nas práticas, postagens e relações produzidas pelos usuários, e não apenas nas características técnicas da plataforma. A sociabilidade escalonável chama atenção para a variação dos públicos e dos graus de exposição, enquanto a polimídia impede que uma rede social seja analisada de forma isolada das demais formas de comunicação utilizadas pelos sujeitos. Esses princípios funcionam como uma preparação para as etapas posteriores do Diário, nas quais o pesquisador passa a observar e registrar situações concretas de circulação do passado nas mídias sociais.

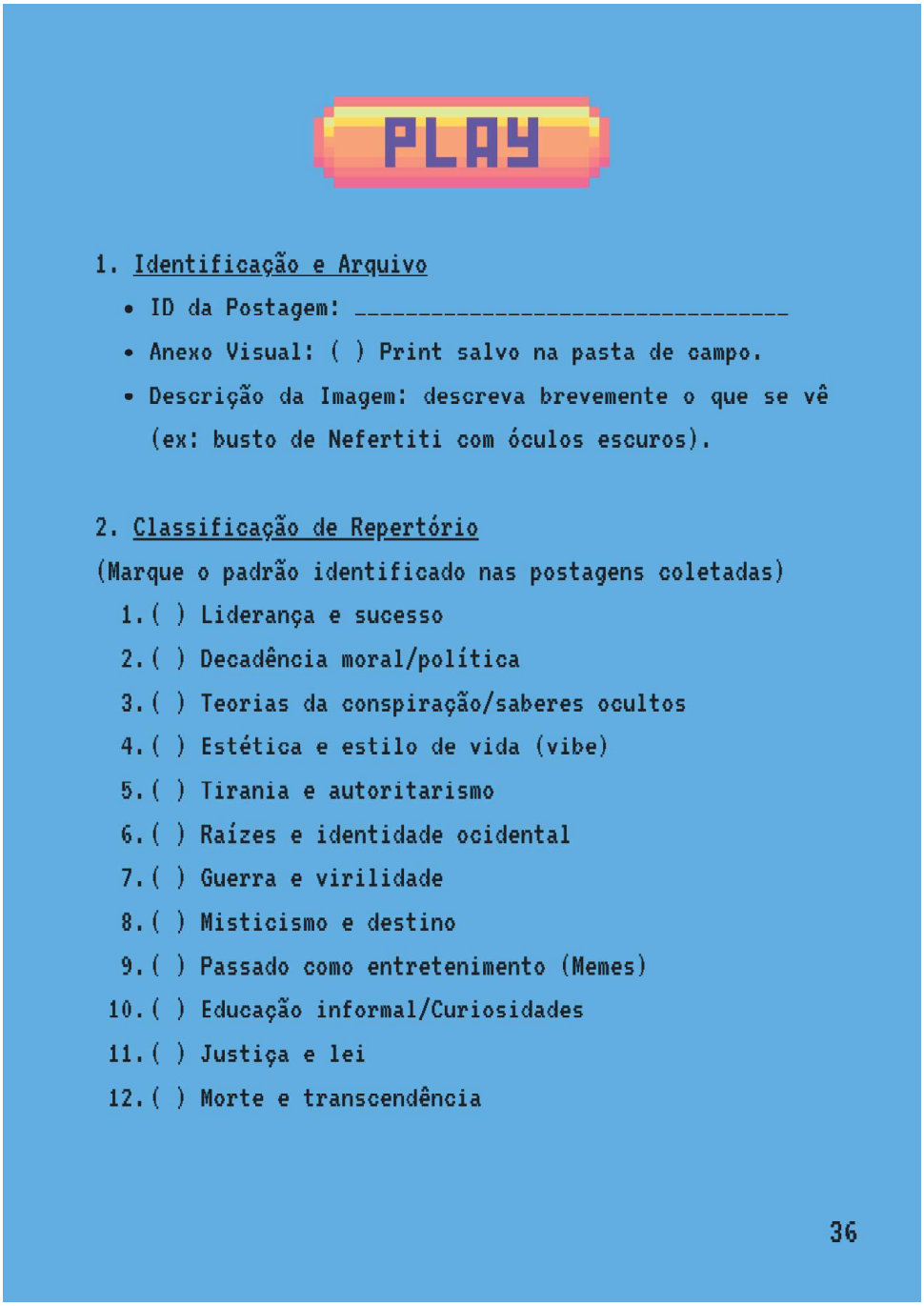
5.3 A construção da fonte digital

O Diário também sistematizou a passagem entre um conteúdo encontrado durante a navegação e uma fonte de pesquisa documentada.

Esse processo exige que a publicação seja registrada com informações capazes de reconstruir minimamente as condições de sua observação. O instrumento orienta o pesquisador a registrar contexto, plataforma, momento da coleta, tipo de conteúdo, elementos visuais, linguagem empregada e outras informações consideradas pertinentes. A captura de tela deixa, assim, de ser compreendida como documento suficiente por si mesma e passa a integrar um registro mais amplo.

Esse procedimento está relacionado a outra preocupação consolidada ao longo das pesquisas do LEPHAMA: a instabilidade das fontes digitais. Postagens podem ser apagadas, perfis podem desaparecer e interfaces podem ser modificadas. A preservação precisa ocorrer simultaneamente à pesquisa, e não apenas depois que a análise estiver concluída. Nesse ponto, o Diário une dois movimentos anteriormente desenvolvidos pelo laboratório: a arqueologia de salvamento digital, voltada à preservação da evidência, e a observação etnográfica, voltada ao registro das circunstâncias e significados percebidos durante a investigação (Figura 8).

Figura 8 – Etapa de identificação, arquivamento e classificação de repertórios no Diário de Bordo



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

A etapa de coleta não se restringe ao armazenamento mecânico de postagens. O Diário orienta o pesquisador a registrar elementos mínimos de identificação e arquivo, como o ID da postagem, o anexo visual e uma breve descrição da imagem, sugerindo a esses dados uma primeira classificação de repertório. Essa organização procura garantir que a evidência digital permaneça vinculada ao contexto de sua observação e, ao mesmo tempo, possibilita o início da análise. Desse modo, a coleta deixa de ser apenas uma operação de salvamento documental e passa a integrar um procedimento analítico, no qual o pesquisador começa a reconhecer padrões de sentido associados às referências históricas mobilizadas nas postagens.

5.4 O percurso formativo

A utilização do instrumento foi acompanhada pela elaboração de um treinamento introdutório de três dias. Esse treinamento não integra o Diário de Bordo propriamente dito, mas funciona como uma apresentação orientada de seus fundamentos. O primeiro dia aborda os memes e sua circulação cultural; o segundo trabalha conceitos da Antropologia das Mídias Sociais e suas relações com a observação etnográfica; e o terceiro combina consciência histórica, repertórios históricos e *allelopoiesis*, culminando em exercícios de análise de fontes digitais.

Cada dia do treinamento é encerrado por um checkpoint, concebido como momento de síntese e reflexão. Essas atividades retomam os conteúdos apresentados e propõem perguntas que ajudam o participante a relacionar teoria e observação, preparando-o para o manuseio posterior do Diário (Figura 9).

O Diário de Bordo, por sua vez, foi estruturado para ser utilizado de forma autônoma após essa apresentação inicial. O material retoma os principais fundamentos teóricos, disponibiliza QR Codes para acesso aos textos e à legislação de referência e apresenta, em seguida, um percurso próprio de exercícios de observação distribuído ao longo de 14 dias (Apêndice 1). Depois dessa etapa, o pesquisador passa à ficha de registro, classificação e análise das fontes (Figura 10).

Figura 9 – Checkpoint de encerramento do segundo dia do treinamento, voltado à reflexão sobre as relações entre passado, presente e consciência histórica nas redes sociais



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

Figura 10 – Recorte de página do Diário de Bordo dedicada à apresentação sintética do conceito de allelopoiesis, acompanhada de QR Code para leitura complementar

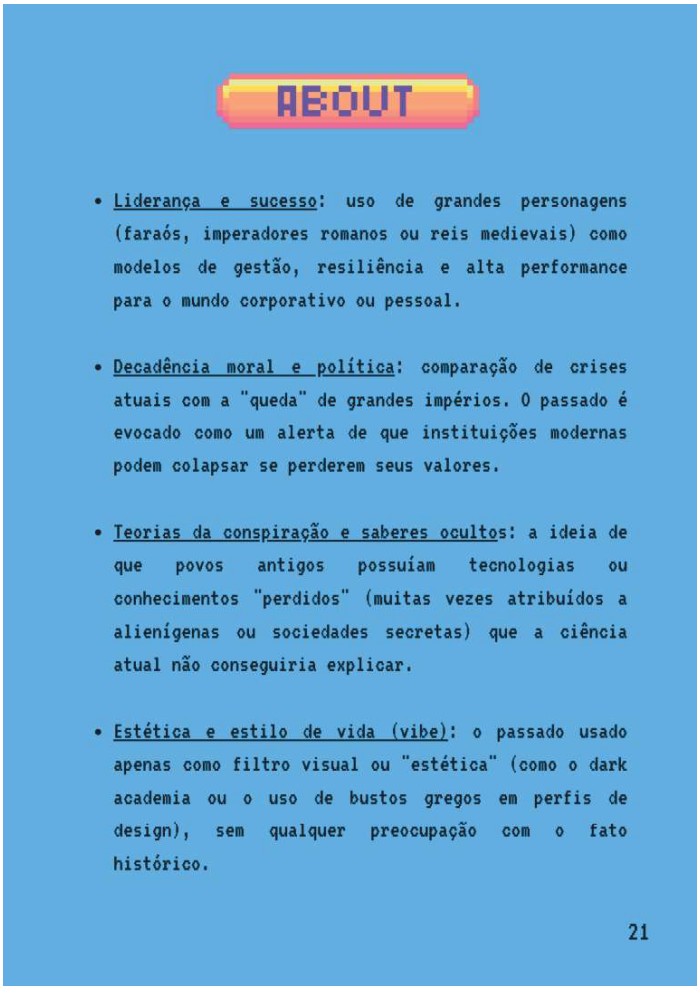


Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

5.5 Da referência histórica ao repertório

A principal ampliação analítica produzida durante o desenvolvimento do Diário foi a passagem da simples identificação de referências históricas para a análise de repertórios históricos. Na definição operacional adotada pelo LEPHAMA, repertórios são conjuntos dinâmicos e contextuais de significados, representações, narrativas e usos de elementos do passado que emergem e circulam no ambiente digital. Eles não são fixos, pois são continuamente ressignificados segundo as necessidades, interesses e dinâmicas do presente (Figura 11).

Figura 11 – Exemplos de repertórios históricos utilizados no Diário de Bordo para orientar a classificação inicial das postagens.



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

Essa distinção permitiu separar as seguintes operações: i. **Referência histórica** é aquilo do passado que é mobilizado; ii. **Repertório histórico** corresponde ao conjunto de associações, valores e sentidos que acompanha essa referência; iii. **Narrativa** é a forma concreta pela qual esse repertório é atualizado em uma postagem, meme, vídeo, perfil ou discurso; iv. **Allelopoiesis Digital** corresponde ao processo de reorganização desses sentidos durante a circulação (Quadro 1).

Quadro 1 – Distinção entre Referência, Repertório, Narrativa e *Allelopoiesis* Digital

Categoria	Pergunta	Definição	Função analítica	Exemplo
Referência histórica	O que do passado está sendo mobilizado?	Unidade mínima de evocação do passado. Corresponde ao elemento histórico mobilizado em uma comunicação.	Identificar **o que** do passado está sendo evocado.	Esparta, representada pela figura do hoplita.
Repertório histórico	Quais sentidos acompanham essa referência?	Conjunto relativamente estável de associações, valores, símbolos e sentidos compartilhados que passam a acompanhar uma referência histórica durante sua circulação.	Compreender **quais sentidos** acompanham essa referência.	Masculinidade, disciplina, heroísmo, patriotismo, força, tradição, combate e resistência à decadência.
Narrativa	Como esses sentidos são organizados em uma comunicação?	Atualização concreta de um repertório em uma situação comunicacional específica.	Analisar **como** o repertório é mobilizado para produzir sentido.	A ideia de que a masculinidade teria sido destruída e de que apenas homens agressivos e dominantes poderiam enfrentar um suposto Estado tirânico.

Categoria	Pergunta	Definição	Função analítica	Exemplo
***Allelopoiesis* Digital**	Como esses sentidos se transformam durante a circulação?	Processo pelo qual repertórios históricos são continuamente produzidos, reorganizados e transformados durante sua circulação nas mídias sociais.	Explicar **como** os repertórios se modificam, incorporando, reforçando ou marginalizando associações ao longo de novas interações.	A associação entre Esparta, masculinidade e resistência política é retomada, reforçada e modificada por novas postagens, memes, comentários e imagens.

Fonte: Elaboração dos autores.

A análise não se encerra no reconhecimento de um elemento do passado, mas avança para a compreensão de como esse elemento é carregado de sentidos, atualizado em narrativas específicas e transformado durante a circulação digital. Essa sequência organiza o trabalho interpretativo e evita que a classificação dos repertórios seja tratada como um fim em si mesma. O objetivo é utilizar as categorias como etapas articuladas de análise, capazes de relacionar a presença do passado às funções que ele assume nas disputas, identidades e formas de comunicação do presente.

5.6 A classificação não é fechada

Outro resultado foi compreender que os repertórios não poderiam funcionar como uma tabela rígida. Os bancos de dados anteriores permitiram construir categorias a partir da recorrência das evidências. No levantamento sobre Egiptomania, por exemplo, foram identificadas associações que abrangiam religião, gênero, política, misticismo, racialização, humor, poder, beleza, morte, trapaça e diversos outros usos contemporâneos do Egito Antigo.

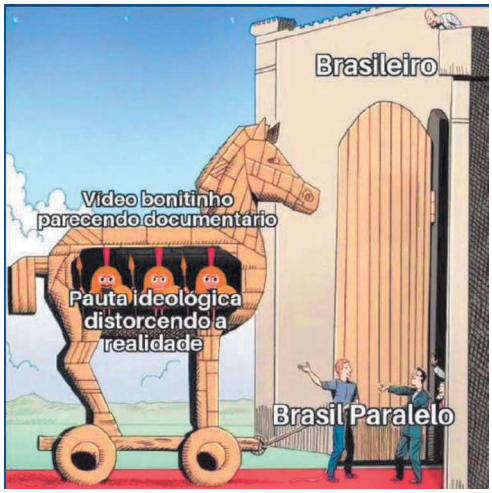
Na apresentação do curso preparatório, essas categorias aparecem justamente antes da atividade prática. A sequência é importante: as classificações são apresentadas como apoio para a observação, e não como respostas que o pesquisador deve obrigatoriamente encontrar.

Isso levou à adoção de três critérios complementares no Diário:

a) **recorrência**, para observar sentidos que aparecem repetidamente;
b) **funcionalidade**, para perguntar o que aquela referência permite fazer no presente;
c) **deslocamento**, para perceber como significados são modificados quando elementos do passado entram em novas narrativas.

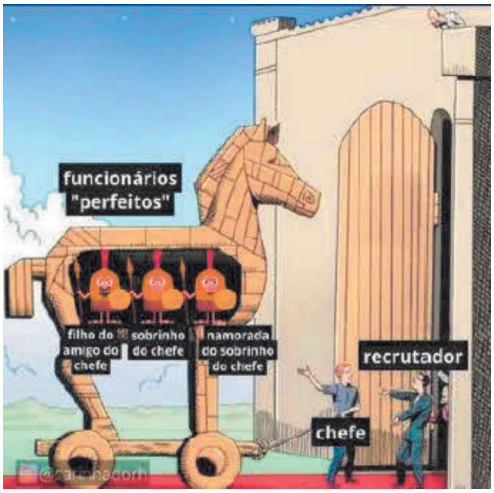
Desse modo, uma mesma referência pode integrar repertórios diferentes conforme a situação em que aparece (Figuras 12 e 13).

Figura 12 – Uso do Cavalo de Troia em meme de crítica política e midiática



Fonte: acervo de pesquisa do LEPHAMA, 2026

Figura 13 – Nova atualização narrativa do Cavalo de Troia



Fonte: acervo de pesquisa do LEPHAMA, 2026

As Figuras mostram como a referência ao Cavalo de Troia pode ser reativada em postagens distintas para responder a disputas contemporâneas. Em ambos os casos, o elemento histórico não é mobilizado para explicar a narrativa antiga em seus próprios termos, mas para operar como metáfora de engano, infiltração ou ocultamento. O que se observa, portanto, não é apenas a presença de um referente clássico, mas sua atualização em um repertório de trapaça e dissimulação, que organiza a narrativa e a torna inteligível para o público contemporâneo.

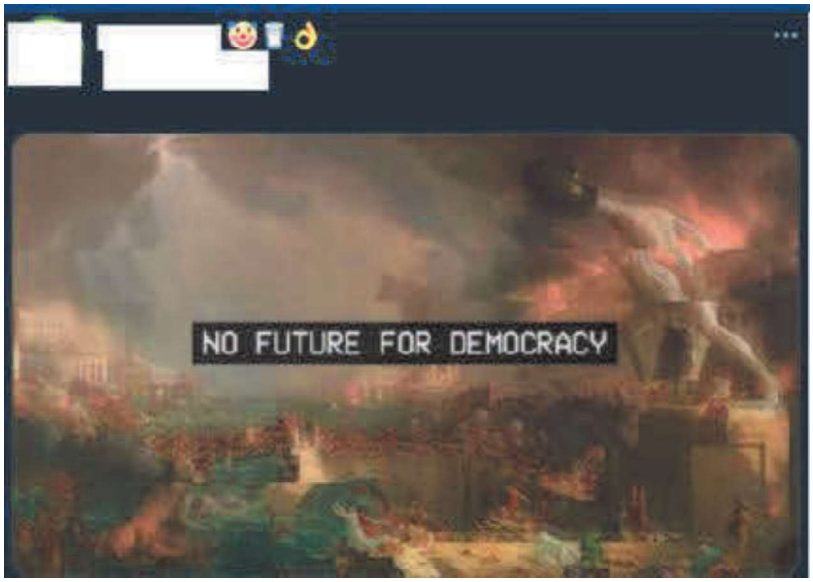
As imagens evidenciam, assim, que uma mesma referência histórica pode ser apropriada de maneiras variadas, reforçando a necessidade de distingui-la dos sentidos que a acompanham durante sua circulação. Esse é um resultado metodológico importante: não é a referência histórica que determina previamente o repertório. É a relação construída na narrativa que precisa ser analisada.

5.7 Do repertório à consciência histórica

O Diário proporciona ainda avançar para uma segunda camada interpretativa: a relação entre os repertórios identificados e as formas pelas quais os sujeitos organizam passado, presente e futuro.

O treinamento emprega como exemplo uma postagem que utiliza uma representação da queda de Roma juntamente com a mensagem "No future for democracy". Nesse caso, a imagem histórica é retirada de seu contexto original e utilizada para produzir uma leitura política contemporânea. O passado passa a operar como advertência sobre o presente (Figura 14).

Figura 14 – Apropriação digital de representação da queda Imperial de Roma associada à mensagem "No future for democracy"



Fonte: acervo de pesquisa do LEPHAMA, 2026.

A análise facilita reconhecer simultaneamente repertórios de decadência política, identidade e autoritarismo. A própria apresentação destaca que o resultado não é simplesmente "Roma antiga" nem somente o debate político contemporâneo, mas uma nova narrativa digital produzida pelo encontro entre os dois.

Podemos igualmente discutir diferentes operações de consciência histórica. O passado pode ser tratado como tradição a ser restaurada, como exemplo atemporal que orienta decisões presentes ou como recurso para romper com determinada interpretação vigente. Essa etapa amplia o alcance do Diário: o objetivo deixa de ser somente classificar conteúdos e passa a investigar que relações temporais são produzidas quando usuários recorrem à História para interpretar o presente.

5.8 O exercício de repertórios: colocando o Diário em funcionamento

A última etapa do percurso transforma as categorias apresentadas em uma atividade de análise. O exercício foi organizado a partir de cinco perguntas:

a) **Referência histórica:** o que do passado está sendo mobilizado?
b) **Repertório histórico:** quais associações, valores e sentidos acompanham essa referência?
c) **Narrativa:** o que a publicação está dizendo, criticando, defendendo ou tornando engraçado?
d) **Necessidade do presente:** por que essa referência histórica funciona aqui e agora?
e) **Allelopoiesis Digital:** a circulação reforça, modifica ou combina sentidos anteriormente associados à referência?

Nas atividades formativas, acrescentou-se ainda uma dimensão pedagógica: depois da análise, o participante deve propor como utilizaria aquela fonte em uma aula de História, indicando a pergunta a ser formulada aos estudantes (Figura 15).

Figura 15 – Ilustração em pixel art com etapas de análise de memes em cenário inspirado na Antiguidade



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa

Após a apresentação do procedimento, a análise pode ser demonstrada a partir do meme **"Antigamente não tinha isso"**. A publicação é especialmente produtiva porque mostra como uma referência histórica pode ser mobilizada como argumento em uma controvérsia contemporânea (Figura 16).

Figura 16 – Meme que mobiliza uma representação presente em cerâmica grega antiga para contestar a ideia de que determinadas práticas sexuais seriam exclusivamente contemporâneas



Fonte: acervo de pesquisa do LEPHAMA, 2026.

Após a apresentação da imagem, a análise pode ser organizada de forma sequencial, distinguindo a referência histórica mobilizada, os repertórios que acompanham essa referência, a narrativa construída pelo meme, a necessidade do presente à qual ele responde e os processos de transformação de sentido produzidos durante sua circulação. Essa divisão demonstra, de forma concreta, como o procedimento proposto ultrapassa a simples identificação do conteúdo histórico e conduz à interpretação das relações entre passado e presente.

Referência histórica: o elemento do passado mobilizado é uma representação presente em cerâmica grega antiga. A imagem funciona, no meme, como evidência visual de práticas e/ou representações da sexualidade existentes no mundo grego. Nesse primeiro nível, interessa reconhecer o referente histórico sem atribuir automaticamente a ele categorias identitárias contemporâneas.

Repertório histórico: a postagem mobiliza um repertório relacionado a gênero e sexualidade, no qual a Antiguidade é acionada para demonstrar a historicidade e a diversidade das experiências sexuais. Ao mesmo tempo, esse repertório entra em confronto com outro: o da decadência moral, segundo o qual determinadas práticas seriam novidades do presente e indícios de deterioração dos costumes. O meme funciona justamente porque coloca esses dois conjuntos de sentidos em tensão.

Narrativa: a construção narrativa possui estrutura de réplica. A expressão "antigamente não tinha isso" apresenta uma afirmação sobre o passado; a imagem da cerâmica aparece como resposta irônica, sintetizada pelo verbo "discorda". O objeto antigo é, assim, transformado em uma espécie de interlocutor capaz de contradizer uma afirmação contemporânea.

Necessidade do presente: a publicação não está interessada prioritariamente em explicar a sexualidade na sociedade grega. Ela intervém em debates atuais sobre sexualidade, tradição, moralidade e mudança histórica. A Antiguidade é mobilizada para questionar discursos que apresentam determinadas experiências humanas como invenções recentes ou como evidências de uma suposta degeneração contemporânea.

***Allelopoiesis* Digital:** a transformação ocorre nos dois sentidos. A cerâmica grega é retirada de seu contexto arqueológico, artístico e social e passa a circular como argumento em uma disputa contemporânea. Simultaneamente, essa circulação produz uma determinada imagem da própria Grécia antiga: uma sociedade apresentada como contraponto às narrativas atuais de novidade ou decadência sexual. O passado fornece recursos para a discussão presente, mas o presente também seleciona, reorganiza e enfatiza determinados aspectos desse passado. É nessa produção recíproca de sentidos que se observa a *Allelopoiesis Digital*.

Aplicação no ensino: o meme permite discutir tanto as experiências e representações da sexualidade no mundo grego quanto os riscos do anacronismo. A imagem antiga pode demonstrar que determinadas práticas e representações não surgiram no presente, mas não autoriza a transposição direta de categorias contemporâneas de identidade para a sociedade grega. Uma pergunta orientadora possível seria: "Que argumento sobre o presente este meme constrói usando a Grécia antiga e quais são os limites históricos dessa comparação?"

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Cheguei à conclusão que o TikTok copia o Twitter descaradamente."
— Publicação em perfil anonimizado no Twitter/X.

O desenvolvimento do Diário de Bordo resultou de um percurso iniciado nas pesquisas do LEPHAMA com grandes conjuntos de evidências digitais e progressivamente ampliado pela incorporação de questões relacionadas à etnografia, à preservação das fontes e aos usos contemporâneos do passado.

A preparação teórica introduz conceitos necessários à observação das mídias sociais e orientações éticas para o tratamento dos dados. O percurso de 14 dias propõe exercícios destinados a desenvolver uma postura investigativa diante de práticas cotidianas das redes. A ficha de registro organiza a identificação e a preservação das evidências, enquanto as categorias de repertórios históricos e os exercícios de *Allelopoiesis Digital* conduzem da descrição inicial à interpretação das relações produzidas entre passado e presente.

O treinamento introdutório de três dias, aplicado em minicursos, constitui uma estratégia de formação mediada, organizada em torno de memes, Antropologia das Mídias Sociais, consciência histórica, repertórios e *allelopoiesis*. O Diário, por sua vez, foi concebido para permitir utilização posterior de maneira autônoma, reunindo fundamentação, materiais complementares acessíveis por QR Codes, legislação, exercícios de observação e instrumentos de registro e análise.

Os exemplos discutidos evidenciaram que a contribuição do instrumento não se limita à coleta de postagens. A distinção entre referência histórica, repertório histórico, narrativa e *Allelopoiesis* Digital possibilita investigar como elementos do passado são associados a valores, disputas e necessidades do presente.

A análise de memes mostrou, ainda, que uma mesma referência pode assumir funções distintas conforme a narrativa em que é mobilizada e que os repertórios devem funcionar como ferramentas de investigação, e não como categorias rígidas previamente impostas às fontes.

A circulação em minicursos permitiu apresentar e experimentar sua proposta em diferentes contextos acadêmicos. A etapa atual corresponde à aplicação sistemática do Diário com participantes externos ao laboratório. A avaliação formal dessa experiência ainda será realizada e deverá fornecer dados sobre clareza, aplicabilidade, dificuldades de uso e aspectos que necessitam de revisão. Por esse motivo, o instrumento não é apresentado neste relatório como protocolo validado ou definitivo, mas como produto metodológico em fase de testagem e aperfeiçoamento.

Após a conclusão dessa etapa, o Diário será então preparado para publicação, com financiamento já previsto nos projetos apoiados pela FAPEMIG, e disponibilizado gratuitamente em formato digital. Dessa forma, pretende-se ampliar o acesso ao instrumento e permitir que suas propostas sejam utilizadas, discutidas e adaptadas por estudantes, professores e pesquisadores.

Em síntese, o percurso apresentado demonstra que transformar a navegação cotidiana em pesquisa histórica exige mais do que localizar e armazenar conteúdos digitais. Exige preparar o olhar, registrar as condições de observação, preservar as evidências, reconhecer os limites da interpretação e construir perguntas capazes de compreender o que acontece com o passado quando ele passa a circular nas redes. É nesse espaço que o Diário de Bordo procura atuar.

REFERÊNCIAS

BELCHIOR, Ygor Klain. Quando o passado vira repertório: Antiguidade, Idade Média e Allelopoiesis Digital. Histórias Digitais, 14 set. 2026. Disponível em: https://histdigitais.hypotheses.org/1132. Acesso em: 11 out. 2026.

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2011.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 ago. 2018, Seção 1, p. 59.

CARVALHO SILVA, Pedro Miguel; LOPES RIBEIRO, Melissa Cristine; CARVALHO JÚNIOR, Fernando Antônio Nani. A egiptomania no Twitter: uma proposta de banco de dados (2008 a 2014). Revista Histórias Públicas, v. 4, n. 7, p. 16-32, jan./jun. 2026.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Portaria CNPq nº 2.664, de 6 de março de 2026. Institui a Política de Integridade na Atividade Científica do CNPq. Brasília, DF: CNPq, 2026.

COSTA, Bruno Marconi da; CARVALHO, Pedro Eduardo Andrade; BELCHIOR, Ygor Klain. Apresentação: Histórias públicas e os repertórios da Antiguidade e do Medievo. Revista Histórias Públicas, v. 4, n. 7, p. 10-15, jan./jun. 2026.

FAVERSANI, Fabio. Tirano, louco e incendiário: BolsoNero. Análise da constituição da assimilação entre o Presidente da República do Brasil e o Imperador Romano como allelopoiesis. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 13, n. 33, p. 375-395, 2020.

FAVERSANI, F.; JOLY, F. D. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de Allelopoiesis. Phoînix, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 97-110, 2021.

MILLER, Daniel et al. Como o mundo mudou as mídias sociais. Londres: UCL Press, 2019.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UnB, 2001.

SPYER, Juliano. Mídias sociais no Brasil emergente: como a internet afeta a mobilidade social. 1. ed. São Paulo: Educ, 2018.

APÊNDICE 1

Nota: o percurso de 14 dias integra a etapa preparatória do Diário de Bordo e tem como finalidade exercitar a observação antes do preenchimento sistemático da ficha de coleta e análise. As atividades são progressivas e podem ser adaptadas às características da plataforma e ao problema específico de cada pesquisa.

Dia 1 – Mapeando sua rede e a distinção on-line/off-line

Atividade: selecione 20 contatos em sua rede principal. Classifique-os de acordo com o tipo de vínculo, como amigos, familiares, colegas, entre outros.

Reflita:

- Essa pessoa parece ser a mesma tanto on-line como off-line?
- Como você tipicamente se comunica com ela nas mídias sociais?
- As distinções no uso das mídias sociais refletem diferenças de gênero, idade ou são específicas das plataformas?

Dia 2 – Analisando imagens postadas

Atividade: volte ao grupo selecionado anteriormente e colete imagens recentes relacionadas à História postadas por esses contatos.

Observe:

- A *persona* da pessoa se mantém quando ela publica conteúdos históricos?
- Quais são os principais temas das imagens encontradas? Egito, Roma, História do Brasil, Idade Média ou outros?
- O uso das imagens parece refletir diferenças de gênero, idade ou características específicas das plataformas?

Dia 3 – História nas redes

Atividade: registre postagens de conteúdo histórico encontradas na amostragem e organize uma tabela considerando:

- a natureza da postagem: conteúdo sério, entretenimento, meme ou outra forma;
- métricas de interação, como curtidas e comentários;
- o que as postagens permitem perceber sobre as visões de História daquele contato.

Dias 4 a 7 – Reflexões sobre identidade e valores

Atividade: observe se as referências à História são utilizadas para construir ou afirmar identidades de grupo, como identidades políticas, étnicas ou de gênero.

Reflita:

- Existem "comunidades de interesse" visíveis em torno de determinados temas históricos?
- As narrativas históricas compartilhadas refletem visões de mundo específicas, como perspectivas nostálgicas, críticas ou conservadoras?

Dias 8 e 9 – Engajamento com o presente

Atividade: observe de que maneira o passado é conectado a acontecimentos, debates ou problemas atuais.

Pergunte:

- Como o passado se conecta a eventos do presente?
- Qual parece ser o propósito dessa conexão: crítica, elogio, comparação ou outra finalidade?
- Quais "necessidades expressivas do presente" parecem estar sendo atendidas pela evocação daquele passado?

Dias 10 a 12 – Plataforma e sociabilidade

Nessa etapa, a atenção se volta às características da própria sociabilidade digital.

Luzes apagadas: a dinâmica de "luzes apagadas", discutida por Miller, parece influenciar o tom das postagens, tornando determinadas manifestações mais polêmicas, íntimas ou ácidas?

Sociabilidade escalonável: como o tamanho do grupo e o grau de privacidade percebido pelos usuários afetam o conteúdo ou a forma das postagens?

Fatores externos: filmes, séries, acontecimentos políticos, debates públicos ou outros eventos contemporâneos parecem impulsionar a circulação de determinados temas históricos?

Dias 13 e 14 – Metodologia e ética

Nos dois últimos dias, o pesquisador é convidado a refletir sobre o próprio processo de investigação.

Abordagem: como a empatia e o foco no conteúdo ajudaram a compreender o "porquê" das postagens observadas?

Desafios: quais dificuldades foram encontradas ao interpretar intenções e significados em textos curtos, imagens, memes ou outras formas de comunicação digital?

Ética: como a identidade dos sujeitos observados foi protegida durante o registro e a organização dos dados?

Figura 17 – Ilustração de encerramento do treinamento introdutório, com questões de reflexão sobre memes, aprendizagem e aplicação dos conteúdos trabalhados



Fonte: LEPHAMA, 2026. Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial generativa.